

## MULHERES NEGRAS NA GRADUAÇÃO: UM OLHAR PARA AS COTISTAS RACIAIS NA UNIPAMPA DE 2015 A 2021

ROSA, B. M.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pampa (Unipampa) – Bagé – RS – Brasil –  
brunarosa.aluno@unipampa.edu.br

### RESUMO

Este resumo parte de uma análise quantitativa de dados iniciais de uma pesquisa de dissertação de mestrado, e apresenta informações acerca da trajetória das cotistas raciais negras (pretas e pardas) dos cursos presenciais de graduação da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) Campus Bagé.  
Palavras-chave: mulheres negras, cotas raciais, Unipampa.

### 1 INTRODUÇÃO

A população negra, durante muito tempo, teve o acesso educacional negado, posto que, foram criadas inúmeras barreiras para que esses não tivessem acesso à educação no Brasil. No entanto, diante dessa realidade eles forjaram organizações oportunizando a essa parcela da população o que o estado não proporcionou a esses, como o acesso ao conhecimento, aprender a ler e escrever. Como salienta Angela Davis “Na realidade, é claro, a população negra sempre demonstrou uma impaciência feroz no que se refere à aquisição de educação. O anseio por conhecimento sempre existiu.” (DAVIS, Angela 2016, p.109)

Nesse sentido, até que a população negra tivesse a oportunidade de acessar os espaços educacionais brasileiros, dificuldades foram criadas, como exemplo leis que baniam o acesso de negros(as) no ambiente escolar, como previsto no artigo 3º da Lei nº 1, de 14 de janeiro de 1837, conforme segue abaixo:

Artigo 3º São proibidos de frequentar as Escolas Públicas:

1º Todas as pessoas que padecerem moléstias contagiosas.

2º Os escravos, e os pretos Africanos, ainda que sejam livres ou libertos.

Cabendo destacar que o processo de construção de espaços de resistência da população negra brasileira foi cotidiano e contínuo, com protagonismo dessa população, culminando em espaços como a Frente Negra Brasileira (1931), que

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em Ensino (PPGE) pela Universidade Federal do Pampa - Unipampa Campus Bagé

surgiu no período posterior à abolição. Indo ao encontro disso, segundo Delton Felipe e Fernanda da Silva Lima:

A escolarização promovida por professores da Frente Negra Brasileira atendia o público adulto, bem como crianças e adolescentes – que evadiram ou eram retiradas das escolas por seus pais devido às violências e humilhações que sofriam neste ambiente. (FELIPE e LIMA, 2022, p. 24)

Referente às mulheres negras, elas tiveram presença marcante na Frente Negra Brasileira, atuando ativamente em diversas atividades nessa organização. Tal como a Cruzada Negra Feminina que destinava-se a trabalhos assistencialistas e de as Rosas Negras que era responsável pela organização de festivais artísticos e bailes (DOMINGUES, 2008).

Por conseguinte, fazendo um recorte de gênero, nota-se que para as mulheres negras (pretas e pardas) essas barreiras são ampliadas, em virtude da interseccionalidade. Já que são somadas à questão de raça e a de gênero, além das condições socioeconômicas que em muitos casos afeta as mulheres negras e acaba lhes afastando da universidade. Cabe aqui salientar que a interseccionalidade está ligada aos marcadores sociais que definem o sujeito. Como bem destacou Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177):

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como as leis e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.

Outra questão pertinente a ser pontuada é o racismo estrutural que acomete a população negra e também influencia na exclusão dessa população de diversos espaços, dentre eles o educacional. Visto que, fortalece a desigualdade social, e acarreta a dificuldade da população negra acessar as universidades. Sendo assim, cabe refletir sobre o argumento de Djamila Ribeiro:

Por causa do racismo estrutural, a população negra tem menos condições de acesso a uma educação de qualidade. Geralmente, quem passa em vestibulares concorridos para os principais cursos nas melhores universidades públicas são pessoas que estudaram em escolas particulares de elite, falam outros idiomas e fizeram intercâmbio. E é justamente o racismo estrutural que facilita o acesso desse grupo. (RIBEIRO, 2019, p.43).

Sendo assim, nesta reflexão, a raça, o gênero e a condição socioeconômica são alguns dos motivos pelos quais as mulheres negras (pretas e pardas) vivem essa interseccionalidade, assim, sendo mais afetadas com a soma desses fatores. Alguns dos aspectos que também compõem a interseccionalidade são classe, faixa etária, etnia, nacionalidade, entre outros. Portanto, segundo Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge:

Essa definição prática descreve o principal entendimento da interseccionalidade, a saber, que, em determinada sociedade, em determinado período, as relações de poder que envolvem raça, classe e gênero, por exemplo, não se manifestam como entidades distintas e mutuamente excludentes. De fato, essas categorias se sobrepõem e funcionam de maneira unificada. Além disso, apesar de geralmente invisíveis, essas relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos do convívio social. (COLLINS e BILGE 2020, p. 17)

Assim sendo, fica evidente que ingressar no ensino superior e concluir a graduação, para grande parte das mulheres negras (pretas e pardas) brasileiras é um percurso com vários obstáculos. Desse modo, torna-se pertinente apresentar dados onde as mulheres negras da Unipampa Campus Bagé são protagonistas.

## **2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)**

Este resumo é baseado na análise quantitativa a respeito das cotistas raciais negras (pretas e pardas) dos cursos de graduação da Unipampa Campus Bagé. Para isso, foram extraídos dados quantitativos da base de dados do Núcleo de Inteligência de Dados Acadêmicos da Unipampa (NIDA). Como recorte temporal para ingresso (2015 a 2018), para evasão (2015 a 2021) e para conclusão do curso (2018 a 2021). Assim, foram analisados dados de 11 cursos de graduação presenciais da Unipampa Campus Bagé, 6 bacharelados e 5 licenciaturas, são eles: Engenharia de Alimentos, Engenharia de Computação, Engenharia de Energia, Engenharia Química, Engenharia de Produção, Física, Letras Línguas Adicionais Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas, Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, Matemática, Música e Química.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Nesta seção serão apresentados os resultados da pesquisa quantitativa acerca do percurso das discentes negras (pretas e pardas) cotistas raciais da Unipampa Campus Bagé. Através da análise dos dados foi possível aferir que as mulheres negras (pretas e pardas) ingressaram mais nos cursos de licenciaturas.

Visto que no período de 2015 a 2108 ingressaram 42 cotistas raciais nos cursos de licenciatura. Por outro lado, no mesmo período ingressaram 17 cotistas raciais negras (pretas e pardas) nos cursos de bacharelado. Destacando os cursos de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa com 11 ingressantes e Licenciatura em Letras Línguas Adicionais Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas com 10, nos cursos de bacharelado o maior número de alunas negras (pretas ou pardas) foi Bacharelado em Engenharia de Alimentos com 6 ingressantes e Bacharelado Engenharia de Energia com 4<sup>2</sup>.

No que tange à evasão, os dados obtidos apontam um índice significativo de evasão, cabendo destacar que a evasão na referida universidade não é exclusiva dos cotistas raciais, mas vem afetando as diversas modalidades de ingresso. Sendo assim, no período de 2015 a 2021 houve 42<sup>3</sup> alunas evadidas.

Referente às egressas cotistas raciais negras (pretas e pardas), quando analisado o período de 2018 a 2021, verificou-se que dos 11 cursos analisados, 3 deles obtiveram egressas cotistas raciais. Neste caso os cursos de Licenciatura se sobressaíram, ou seja, têm um número maior de egressas cotistas raciais do que os cursos de bacharelado. Licenciatura em Letras Línguas Adicionais Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas foi o curso com mais egressas das cotas raciais, 3 egressas ao total, Licenciatura em Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa com 2 egressas e Licenciatura em Química com 1 egressa<sup>4</sup>. Quanto aos cursos de Bacharelado, durante o recorte temporal estabelecido não houve egressas cotistas raciais pretas ou pardas, cabendo destacar que elas possivelmente estão em retenção ou são alunas de cursos mais longos, assim estão em processo de conclusão do curso. Salientando que no período estabelecido para esta pesquisa há egressas negras (pretas e pardas) nos cursos de Bacharelado do Câmpus Bagé, no entanto elas não ingressaram por meio das cotas raciais.

#### **4 CONCLUSÃO**

Por meio da análise foi possível constatar que há um número considerável de evasão que acomete as cotistas raciais, no entanto isso não se restringe a essa

---

<sup>2</sup> Fonte: Núcleo de Inteligência de Dados Acadêmicos (NIDA, 2023).

<sup>3</sup> Fonte: Adaptado de NIDA - Alunos por curso (2023).

<sup>4</sup> Fonte: Núcleo de Inteligência de Dados Acadêmicos (NIDA, 2023).

modalidade de ingresso, uma vez que há índices significativos de evasão de discentes que ingressaram pela ampla concorrência. Quando analisados dados de alunos(as) da ampla concorrência e dos(as) cotistas raciais, percebe-se o alto índice de evasão, já que, dos 934 alunos(as) ingressantes na ampla concorrência no período de 2015 a 2018, apenas 11,99% concluíram o curso. Referente aos cotistas raciais, no período supracitado, dos 138 ingressantes, 7,2% concluíram o curso. Destacando que existe um índice de alunos(as) em retenção, ou que são de cursos mais extensos. Percebe-se então o quanto a evasão vem atingindo os(as) discentes da Unipampa Campus Bagé.

Nesse sentido, pensar na ampliação dessa política pública com mecanismos que proporcionem a permanência se fazem importantes para que o número de egressas cotistas raciais negras (pretas e pardas) seja elevado. Apesar de todas as dificuldades no período da escravização e no pós-abolição, e que tenha ocorrido evolução referente ao acesso da população negra na educação, a qual esses passaram a ter mais oportunidades de acesso, o que pode ser comprovado com a política de cotas raciais. Ainda há caminhos a serem percorridos para que esse progresso alcance ainda mais a população negra, em particular as mulheres negras, pretas e pardas brasileiras.

## REFERÊNCIAS

*Cotas raciais: gestão, implementação e permanência* [recurso eletrônico] / Delton Aparecido Felipe, Fernanda da Silva Lima – Santa Cruz do Sul: Essere nel Mondo, 2022. 121 p.

CRENSHAW, Kimberly. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, ano 10, semestre 1, 172-188, 2000.

DAVIS, Angela, 1944 - *Mulheres, raça e classe* / Angela Davis; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016. Davis, Angela, 1944 Tradução de: Women, race and class.

DOMINGUES, Petrônio. *Um “templo de luz”: frente negra brasileira (1931-1937) e a questão da educação*. Revista Brasileira de Educação, [S.L.], v. 13, n. 39, p. 517-534, dez. 2008. FapUNIFESP (SciELO).

*Interseccionalidade* [recurso eletrônico] / Patricia Hill Collins, Sirma Bilge ; tradução Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2020.

\_\_\_\_\_, **Lei nº 12.711**, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial, Brasília, 2012.

\_\_\_\_\_, **Lei n. 1**, de 1837, e o Decreto nº 15, de 1839, sobre Instrução Primária no Rio de Janeiro.

Núcleo de Inteligência de Dados Acadêmicos. Disponível em:  
<https://sites.unipampa.edu.br/nida/> Acesso em: 13 out. 2023.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. - 1ª ed. - São Paulo : Companhia das Letras, 2019.